



Juventudes Contemporâneas e Projeto de Vida: A Construção de Sonhos para Juventudes Diversas em Oportunidades e Fazeres

Maria Luzia de Moraes Fonseca¹

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo central pensar questões referentes às perspectivas das juventudes nas suas diferentes realidades, pretendendo entender a pertinência, e até mesmo viabilidade, de processos de Orientação Profissional/Projetos de Vida para diferentes contextos educacionais e sociais, atravessados pela desigualdade de oportunidades. O quanto são democráticas as possibilidades de sonhos que se apresentam durante a construção destes processos e o que sustenta o desejo de quem não foi sonhado, entre outras questões foi o que norteou o percurso deste trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Oportunidade. Juventudes. Projeto de vida. Perspectiva. Políticas Públicas

ABSTRACT: The central objective of this article is to consider issues related to the perspectives of youth in their different realities, seeking to understand the relevance, and even the potential, of Career Guidance/Life Project processes for different educational and social contexts, marked by inequality of opportunity. How democratic are the possibilities for dreams that arise during the construction of these processes, and what sustains the desire of those who have not been dreamed of, among other questions, guided the course of this work.

KEYWORDS: Opportunity. Youth. Life project. Perspective. Public Policies

1 O QUE VOCÊ VAI SER QUANDO CRESCER

Querer saber dos adolescentes o que esperam da vida e o que sonham para seus futuros é um anseio comum aos adultos que acompanham suas trajetórias. Perguntar sobre isso faz parte do repertório dos adultos, seja por falta de assunto, por curiosidade ou por expectativa mesmo.

Despretensiosa ou preocupada, esta questão recebe contornos vultosos e contribui muito para os processos de acompanhamento de adolescentes e jovens, seja em Processos de Orientação Profissional ou construção de Projetos de Vida.

1 Aluna da Especialização em Juventudes Contemporâneas – FAJE. E-mail: malumoraes.op@gmail.com

Pensar projeto de vida para estes adolescentes e jovens tornou-se importante ao ponto de se tornar um componente curricular do Novo Ensino Médio de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – DCNEM- que visa “permitir que o aluno construa sua própria trajetória profissional acadêmica e pessoal com autonomia”.

Várias são as experimentações, como namoro, estabelecimento de vínculos de amizade, desconstrução de ideais familiares e, para alguns, inserção no mercado de trabalho. E tudo isso permeado por incertezas, relações fluidas, vínculos frágeis e espaços sociais diversos.

O desejo do sujeito de ser alguém na vida pode ser traduzido como o desejo de ser reconhecido, valorizado e respeitado pelo que é, pelo que sabe e pelas contribuições que pode dar à sociedade, no presente e no futuro.

Os projetos de vida são orientações subjetivas que se ancoram nas biografias, nas experiências, nas histórias de vida dos sujeitos, nos valores da sociedade e dos grupos sociais, nas condições materiais de existência e, também, no caso dos jovens, nas relações que estabelecem com a família, com os amigos, companheiros e instituições educativas e socioculturais.

Paulo Carrano, em seu texto “O jovem como sujeito do Ensino Médio”, diz que, “na juventude, especialmente a adolescência, é quando o sujeito começa a se perguntar que rumo tomar na vida. Todas essas são dimensões importantes e devem ser contempladas quando se discute projetos de vida.” (BRASIL, 2013, p.32)

E completa: “O projeto de vida começa com o sonho do jovem. Os desejos e as fantasias que lhe dão substância são transformados em objetivos passíveis de serem perseguidos, representando, assim, uma orientação, um rumo de vida.” (BRASIL, 2013, p.31)

Mas seu texto também traz uma advertência tanto aos profissionais que se incumbirão de conduzir os projetos de vida, quanto aos pais ou cuidadores desses jovens: nunca se esquecer do aspecto essencial que é o caráter indelegável e intransferível da ação projetada, ou seja, não se pode projetar pelos jovens:

“O entendimento dessa dimensão é fundamental, sobretudo no tangente aos projetos de vida, no sentido de que, por exemplo, os pais não podem (ou pelo menos não deveriam) projetar pelos filhos. Assim como a escola e seus professores não podem (ou não deveriam) querer que os estudantes cumpram projetos da instituição que ignorem os próprios projetos traçados pelos jovens para suas vidas.” (BRASIL, 2013, p.33)

Podemos então, a partir das falas acima que reiteram a importância do Projeto de Vida para adolescentes e jovens, avançar um pouco mais na construção deste trabalho: as juventudes contemporâneas são muitas e diversas, nos seus modos de apresentação e na forma como se situam na sociedade. Mas são diversas também as oportunidades para cada um. E essas diferenças fazem diferença nos modos de sonhar e construir seus projetos de vida.

2 “NÃO ME SONHARAM, NÃO ME ENSINARAM A SONHAR”

Há um outro desdobramento que se interpõe à construção do Projeto de Vida: se por um lado existem jovens que são atravessados pelo desejo dos pais ou cuidadores, por outro lado existem aqueles que “não foram sonhados.”

Nos muitos processos de acompanhamento de adolescentes e jovens em Orientação Profissional, é comum ouvir a “queixa” dos orientandos de que estão cansados de tanta cobrança dos pais sobre a escolha profissional, de tanta exigência para que sigam suas profissões, deem continuidade às empresas da família ou realizem sonhos que para eles, pais, foram impossíveis, mas que agora está em suas mãos, filhos, concretizar.

Estamos falando de jovens que foram “sonhados”, que trazem em sua subjetividade a marca do desejo de outros. Não que não dê trabalho se desvencilhar destas projeções e refazer a rota pela singularidade do caminho que cada jovem escolhe trilhar. Mas têm um ponto de partida, têm do que se esquivar.

No caso de outros tantos jovens que não foram sonhados, não se trata de escolher outro caminho, mas desbravar um campo virgem para pensar na possibilidade de construir uma estrada. Não foram sonhados por pais que, por sua vez, não sabiam sonhar. Não têm ponto de partida. Eles próprios são o marco zero, aprendendo a se permitir sonhar.

O documentário “Nunca me sonharam”, lançado em 2017, apresenta uma dimensão da realidade de muitos jovens, que é não ter sido sonhado por alguém, e por isso, não ter aprendido a sonhar ou até mesmo não ter tempo para isso.

Fala-se das oportunidades que não são as mesmas para todos. Escancara-se uma desigualdade social que não permite pensar no futuro dada a urgência de assegurar o presente.

Uma pergunta feita por um adolescente no documentário: “Quando vai chegar a minha vez? E vai ter para nós quando chegar nossa vez?” A fala é de uma adolescente: mulher negra, menor de idade, pobre, periférica, estudante de escola pública. Lembrando que 82% dos jovens estão na escola pública.

A resposta não temos, mas a provocação está posta: falamos da interseccionalidade, que são fatores sociais interagindo ou se sobrepondo definindo a identidade de uma pessoa e a forma como isso irá impactar na sua relação com a sociedade e definir seu acesso a direitos. Há um vínculo inseparável: gênero, raça e classe social que são marcações que se moldam mutuamente. Direitos que passam a ser privilégios.

Um outro professor diz que, “pobre, favelado e negro está no banco de reserva. Só entra no jogo se estudar.”

Mas a educação é efetivamente acessível a todos para que possam entrar no jogo?

Mais uma fala de um estudante: “Já no segundo ano estou procurando emprego, mas não tenho currículo. Quero fazer cursinho, mas não tenho dinheiro. Já entro em condições desiguais.”

A desigualdade social delimita os horizontes possíveis de ação dos jovens. Impactam na vida e nos seus projetos de vida. Regina Novaes, Antropóloga e Socióloga, também presente no documentário, na sua fala reforça que estes jovens “entram no mercado de trabalho de maneira precária e precoce”.

Basta ser capaz, ter inteligência e sonhar? Quem acredita sempre alcança mesmo? O que dizer das oportunidades desiguais, com a largada em lugares diferentes para uma mesma conquista?

Como insistir para que o jovem da favela estude e acredite que este é o melhor caminho para se dar bem na vida, quando na sua realidade tem exemplos de pessoas muito bem sucedidas – por sucesso entenda-se dinheiro, status e reconhecimento – nas ações do tráfico, por exemplo?

A escola perde 50% dos alunos da noite. Perde para o trabalho informal, para o tráfico, para a gravidez das adolescentes.

Na fala de Christian Dunker, psicanalista que compõe o documentário, “a infância é mais curta para os pobres. Encurta os sonhos. Pior que não oferecer oportunidades é matar o futuro.” E completa: “O tráfico é considerado um trabalho – a carreira na bandidagem te dá respeito, honra, condições de proteger os seus, autoridade.”

Macaé Evaristo finaliza: “a gente reduz a mortalidade infantil e mata na adolescência quando não dá condições de vida, de sonhar.”

3 ONDE ESTÃO AS RESPOSTAS? PARA QUEM SÃO AS PERGUNTAS?

Este trabalho se compôs a partir de estudos de casos de processos de Orientação Profissional e acompanhamento de jovens na construção de Projeto de Vida em diferentes realidades sociais. Foram comparados processos de 16 adolescentes, sendo metade alunos de escolas particulares e detentores de uma condição social que lhes permitem pensar no futuro sem preocupação com as necessidades básicas do presente e a outra metade alunos de um cursinho pré-universitário para alunos com baixa renda, vindos de escolas públicas, muitos já trabalhando e com uma condição social que apontava para muitas vulnerabilidades sociais.

Para os dois grupos foram feitas as mesmas perguntas. Abaixo seguem as duas respostas dadas por dois adolescentes, um de cada grupo social, para a pergunta: “Atento à sua realidade de hoje, o que você considera muito importante para o seu futuro profissional?”

Uma resposta foi “ter uma oportunidade de intercâmbio para ampliar as oportunidades profissionais”. Outra resposta foi “ter uma mesa em casa para poder estudar.”

Respostas reais, assim como a realidade de cada um dos respondentes. O primeiro entrevistado, um adolescente estudante de uma escola particular, relatando que o pai é um empresário e que entende que uma experiência no Exterior pode ser inspiradora para seu futuro como empreendedor e administrador de empresas. A segunda entrevistada, uma adolescente de um cursinho pré-universitário para jovens de baixa renda, acha que se tivesse uma mesa em casa, faria toda diferença para o seu futuro profissional.

Diante dos relatos desses jovens, alguns questionamentos se impunham: embora o sonho seja comum a todos os jovens, o que fazer com as realidades diversas que atravessam alguns sonhos e comprometem suas perspectivas de concretização? A construção do Projeto de Vida é a mesma para todos os jovens?

Tratava-se de propostas iguais para realidades diversas. Nem sempre as juventudes mais vulneráveis têm oportunidade de escolher o que vão ser quando crescer: quando têm a oportunidade de sonhar com a Faculdade, precisam limitar a escolha do curso à pontuação obtida no Enem, pois na grande maioria dos casos, precisam iniciar prontamente a Faculdade, no curso que a pontuação permitir, pois não poderão se dar ao luxo de fazer mais um ano de cursinho.

E mesmo na Faculdade as dificuldades se mantêm, pois a maioria ingressa em redes de ensino particulares, e por isso nem sempre finalizam o curso por não terem dinheiro para os financiamentos ou disponibilidade para atividades extras que coincidem com o horário do trabalho, trabalho este que precisa ser mantido, já que sustenta suas aulas quando não, suas famílias.

Não se trata de dizer que alguns jovens não têm projetos de vida, mas que o constroem de acordo com o seu contexto sociocultural, econômico e com os recursos financeiros, subjetivos, psíquicos, intelectuais e informacionais de que dispõem.

O contexto no qual cada jovem está inserido circunscreve suas possibilidades de realizar e concretizar seus projetos, conforme Paulo Carrano diz em seu texto “O jovem como sujeito do Ensino Médio”:

“Um projeto de vida tende a se realizar na junção de duas variáveis. A primeira delas diz respeito à identidade, ou seja, quanto mais o jovem se conhece, experimenta as suas potencialidades individuais, descobre o seu gosto, aquilo que sente prazer em fazer, maior será a sua capacidade de elaborar o seu projeto. Outra variável que interfere na elaboração do projeto de vida é o conhecimento da realidade. Quanto mais o jovem conhece a realidade em que se insere, compreende o funcionamento da estrutura social com seus mecanismos de inclusão e exclusão e tem consciência dos limites e das possibilidades abertas pelo sistema na área em que queira atuar, maiores serão as suas possibilidades de elaborar e de implementar o seu projeto.” (BRASIL, 2013, p.33)

Rousseau, em “A origem da desigualdade entre os homens”, diz:

“Considero o tema deste discurso como uma das questões mais interessantes que a filosofia possa propor e, infelizmente para nós, como uma das mais espinhosas que os filósofos possam resolver porque, como conhecer a fonte da desigualdade entre os homens, se não se começar por conhecer os próprios homens? E como poderá chegar o homem a se ver tal como a natureza o formou, por meio de todas as transformações que a sucessão dos tempos e das coisas teve de produzir em sua constituição original e separar o que está em sua própria origem daquilo que as circunstâncias e o progresso acrescentaram ou modificaram em seu estado primitivo?” (ROSSEAU, J., 2017, p.23)

Até aqui nos deparamos com as contradições e adversidades que as realidades juvenis nos apresentam e que dificultam a realização dos seus sonhos e projetos de vida.

Podemos nos apoiar no texto social de Freud, “O futuro de uma ilusão”, para vislumbrar mudanças neste cenário a partir da construção dos ideais, sejam culturais, religiosos ou de qualquer outra ordem como forças que buscam combater a inviabilidade posta por convenções sociais ou determinações de classe, raça ou cultura:

“A satisfação narcísica proporcionada pelo ideal cultural encontra-se também entre as forças que alcançam êxito no combate à hostilidade para com a cultura dentro da unidade cultural. Essa satisfação pode ser partilhada não apenas pelas classes favorecidas, que desfrutam dos benefícios da cultura, mas também pelas oprimidas, já que o direito a desprezar povos estrangeiros a compensa pelas injustiças que sofrem dentro de sua própria unidade. Não há dúvida de que alguém pode ter sido um plebeu infeliz, atormentado por dívidas e pelo serviço militar, mas, em compensação, não deixava de ser um cidadão romano, com sua própria quota na tarefa de governar outras nações e ditar suas leis.” (FREUD, S. 1927, p.25)

Essa satisfação que a crença num ideal pode promover nas juventudes, pode ser partilhada pelas classes favorecidas, que desfrutam dos benefícios da cultura, mas também pelas oprimidas. Essa é uma possibilidade de democratizar os sonhos.

Muitas vezes lutar por um sonho coletivo dilui a densidade de uma realidade individual. Pode ser salutar, pode resgatar a dignidade de muitas vidas subjugadas e proporcionar um engajamento necessário e até vital para aqueles que até então se sentiam alijados da sociedade.

Como parte dos ideais coletivos, temos a construção das políticas públicas que trazem perspectivas de mais sonhos para nossas juventudes. Responsabilidade atribuída à sociedade, representada por políticos, mas que conta com a atenção de educadores e pais quanto à urgência de mais incrementos e recursos para que se efetivem a contento.

É preciso pensar em outras possibilidades para a concretização dos projetos de vida, seja construindo políticas sociais pautadas no Estatuto da Juventude e Direitos Humanos, com direitos universais, invioláveis e inalienáveis, seja revisitando os ODS- Objetivos de Desenvolvimento Sustentável que embora tenha pauta para os jovens, nem sempre os tem nas suas construções.

É imprescindível reconhecer o papel das comunidades nas políticas públicas, promover a participação e representatividade juvenil na política, organizar politicamente as escolas e grupos de apoio. Entender que é preciso escrever o sonho para que ele exista.

4 DESEJO, LOGO EXISTO

Este trabalho se iniciou com algumas perguntas sobre quão democráticos são os sonhos, ou melhor, a realização deles.

Falamos do contexto social e político que interferem na condição de sonhador dos nossos adolescentes e jovens e reiteramos a importância de cuidarmos disso.

É fato que os contextos sociais e políticos deficitários interferem significativamente na construção de projetos de vida e podem interromper possibilidades de concretização do que foi sonhado pelas nossas juventudes e, desta forma, continua premente atentarmos e nos mobilizarmos para mudar esta realidade. É necessário reiterar a responsabilidade social que é incluir a pauta das juventudes em todos os cenários políticos, culturais e sociais.

Mas voltando aos jovens aqui pesquisados, o que sustenta seus projetos de vida e suas escolhas profissionais mesmo em realidades tão vulneráveis e precárias?

Apesar de todos os atravessamentos e impedimentos, nossas juventudes ainda sonham. Isso ficou muito claro em 100% das respostas dos processos de Orientação Profissional e construção de Projetos de Vida.

Podemos dizer que o recurso simbólico próprio dos seres humanos, que os faz sujeitos desejantes, é responsável por sustentar estes jovens sonhadores.

Nossas juventudes são formadas por sujeitos de desejo e pensar a partir deste significante torna possível entender que o que falta não tem que ser necessariamente o que impede os jovens de sonhar. Paradoxalmente, a falta pode ser uma forma de compreendermos a determinação e persistência desses jovens e adolescentes tão atravessados por contextos de vulnerabilidade mas tão aguerridos na busca dos seus sonhos.

Sendo assim, o desejo ocupa o estatuto de promotor da esperança: torna possível a crença na construção de sonhos para juventudes diversas em oportunidades e fazeres.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Formação de professores do ensino médio, etapa I - caderno II : o jovem como sujeito do ensino médio / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica; [organizadores : Paulo Carrano, Juarez Dayrell]. – Curitiba : UFPR/Setor de Educação, 2013.

FREUD, S. “O futuro de uma ilusão, o mal estar na civilização e outros trabalhos. Edição Standart Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol.XXI Editora Imago: Rio de Janeiro, 1996.

“NUNCA me sonharam”. Direção: Cacau Rhoden. Produção: Luana Lobo, Marcos Nisti, Estela Renner, Juliana Borges. Roteiro: Cacau Rhoden, Tetê Cartaxo, André Finotti. Brasil, 2017.

ROSSEAU, J. “ A origem da desigualdade entre os homens” – São Paulo: LaFonte, 2017.

Artigo Submetido em 30.09.2025 e aprovado em 02.11.2025.

Maria Luzia de Moraes Fonseca, graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais, pós-graduada em Saúde Mental e Trabalho, pela Faculdade Newton Paiva e especialização em Juventude no Mundo Contemporâneo pela FAJE.

Trabalha como psicóloga no Tribunal Regional da 3ª região.

ORCID 0009-0000-5575-4238

malumoraes.op@gmail.com

Endereço residencial: Rua Araguari, 1730/501 B. Santo Agostinho Belo Horizonte-MG 30190-111

Editor: Dr. Geraldo Luiz De Mori

Avaliadores:

Dr. Victor Hugo Nedel Oliveira (UFRGS)

Dra. Symaira Poliana (UFMG)

Dr. Flávio Munhoz Sofiati (UFG)

Me. Joilson Toledo (UERJ)

Dr. Mateo Ortiz (Pontifícia Universidade Javeriana/Colômbia)

Dr. Nilson Weisheimer (UFRB)

Dr. Sebastião Everton de Oliveira (FAJE)

Dra. Martha Gutiérrez (Pontifícia Universidade Javeriana/Colômbia)